

Amanhecer em Kabadio

Na linha de fogo entre guerrilheiros separatistas e empresários chineses, uma vila no Senegal onde a magia vence a guerra

Texto e fotos | Fellipe Abreu



Rebeldes na fronteira do Senegal com a Gâmbia: eles defendem a separação da região da Casamança

A bordo de uma velha Land Rover Defender da década de 1980, seguimos o motociclista que nos conduz ao local escolhido para o encontro com os guerreiros separatistas. Pelo vidro sujo do carro, noto que a estrada empoeirada se torna cada vez mais estreita nestas terras isoladas ao sul do Senegal. Na parte de trás da caminhonete, sacolejo e sinto a barriga formigar, enquanto o motorista, chamado Kaltine, fuma cigarros sem parar. Em um dado momento, a moto à frente abandona a via principal e toma um caminho pelo meio do mato. Continuamos em seu encaço.

Quinze minutos depois, nem a destemida Land Rover consegue ir adiante. Recebemos, então, o sinal: é hora de aguardar. Chegamos, enfim, ao ponto de encontro, uma clareira rodeada de mato fechado. No centro, quatro toras de madeira formam uma rústica sala de reunião quadrangular.

“Eles vão chegar armados, mas não se assustem. Tudo deve correr bem se vocês

respeitarem os limites”, adverte Samba, o piloto da moto. Passados mais 15 (longos) minutos, ouvimos os primeiros ruídos vindos da floresta circundante. Em pouco tempo estávamos cercados por 15 rebeldes, cinco deles armados com fuzis russos AK-47. Após os devidos cumprimentos, nos acomodamos em bancos improvisados.

Estamos na região da Casamança, na parte meridional do Senegal, área do conflito separatista mais longo do continente africano, entre o governo nacional e o Movimento das Forças Democráticas da Casamança (MFDC), que, desde os anos 1980, exige a independência total da região do resto do país. Até o Papa Francisco enviou uma mensagem de paz ao Senegal em março de 2014, desejando uma “existência fraterna entre a população da Casamança”.

No nosso caso, foram necessárias três semanas de negociação para, enfim, marcar um encontro com rebeldes do MFDC. À nossa frente estavam um porta-voz,

Cissé copia trechos do Alcorão em uma tábua, que depois é lavada; a água vai ser reutilizada em um banho místico



cinco comandantes e nove soldados do maqui – como é chamado o quartel-general do grupo –, comandado por Lamarana Sambou. O nosso objetivo é claro, mas improvável: entrar no maqui, entrevistar os comandantes, alguns soldados e registrar tudo em foto e vídeo. O cineasta Daniel Leite é meu companheiro de viagem e pretende usar as imagens para finalizar um filme que há seis anos produz sobre Kabadio – comunidade muçulmana localizada a uma hora do local onde nos reunimos com o MFDC e na qual estávamos hospedados.

Após duas horas de conversa e muitas explicações, nada feito. O porta-voz nos informa que precisam de mais um mês para nos dar (ou não) acesso ao quartel dos rebeldes – e só nos restava mais uma semana no Senegal. Quando ainda tentávamos persuadi-los, os rádios em suas cinturas tocam. Presenciamos, então, incompreensíveis minutos de conversa no dialeto local, chamado *djola*, até que o porta-voz nos atualiza: “Vocês devem ter percebido que alguma coisa aconteceu. O inimigo

está próximo. Estamos discutindo a melhor maneira de tirá-los daqui”.

Não restou alternativa a não ser pegar o tortuoso caminho de volta para Kabadio. Na estrada, ainda frustrados, cruzamos com um último sentinela, que, ao ver a Land Rover, saiu do mato e parou no meio da estrada para acenar. Enquanto nos distanciávamos, a fumaça borrava a imagem do homem, que permanecia imóvel no meio da via de terra batida com sua AK-47.

A protegida vila de Kabadio

Antes de os primeiros raios de sol despontarem atrás das silhuetas dos baobás (a simbólica árvore africana), Idrissa Demba, pregador de Kabadio, de túnica branca, abre as portas da mesquita para a primeira oração do dia. Após a ablução obrigatória, os fiéis se prostram em direção a Meca, enquanto o alto-falante anuncia: “*Allahou Akbarou. Alla Hu Akbar. Ach-hadou an la ilaha illa Allah wa ach-hadou anna Mohamadan Rassouloullah*” (Deus é grandioso! Eu aceito que há um só Deus e que o profeta Maomé é seu enviado).

Depois de fervido, o *ataya*, um chá tradicional do Senegal, é passado de um copo a outro até que se forme uma espuma densa

Disputa separatista



A maioria da população de Kabadio, estimada em 3 mil pessoas, é seguidora do sufismo – vertente mística do islamismo muito difundida no oeste da África. Como em qualquer região islâmica, reza-se cinco vezes ao dia, não se come carne de porco nem se bebe álcool e segue-se a *sharia* – a lei dessa religião. Entretanto, em comparação ao Oriente Médio, o islã aqui praticado é uma versão bem mais branda.

A chegada de muçulmanos à zona do atual Senegal aconteceu por volta do século 9º, com a vinda dos berberes – comerciantes do norte da África que cruzavam o deserto do Saara em busca de mercadorias e escravos. Pela proximidade com a Arábia Saudita, eles se converteram rapidamente ao islã, pouco tempo depois do seu surgimento, no século 6º. Mas a disseminação da fé maometana na região não significou abandono das práticas animistas dos povos do Subsaara. Grosso modo, essas pessoas acreditavam (e é assim hoje) que homens, animais, vegetais e tudo o que existe no mundo natural têm alma.

Enquanto nos países islâmicos fundamentalistas o canto e a dança são proibidos, em Kabadio (e em todo Senegal) eles representam umas das mais genuínas manifestações culturais da população local. “Não importa qual é o tipo de música, o essencial é dançar sempre. Quando escuto o som dos tambores, já estou pronta para me entregar”, conta Méta Dabo, que faz parte de uma associação de mulheres de Kabadio chamada *Set-Setal*.

“Quando toca o *tambalá* [tambor de origem árabe]”, diz *El Hadji* Souané, “você se sente feliz com os ritmos que ele produz e pode ver Deus por meio dele.” Souané, que ganhou o prefixo “*El Hadji*” depois de ter feito a peregrinação a Meca, é um sujeito sorridente. Ao vê-lo caminhar a passos lentos pelas ruas de terra batida não se imagina que, na verdade, trata-se de um dos mais importantes e respeitados líderes religiosos de Kabadio, chamados marabus.

Assim como a maior parte da comunidade, *El Hadji* descende da etnia mandinga, linhagem de famosos guerreiros e sacerdotes que dominavam a zona do antigo Império Mali. Nos dias de hoje, os marabus são os agentes de uma das mais relevantes representações do sincretismo religioso entre o islamismo e o animismo regional: o *gris-gris*, uma espécie de talismã.

Quando alguém encomenda um *gris-gris* ao marabu, ele busca no texto sagrado do Alcorão um trecho que consiga dar à pessoa o poder desejado. O fragmento é então copiado em uma folha de papel, que é *marabutada* (enfeitiçada), dobrada, amarrada e, mais tarde, encapada com couro de cabra. Existem *gris-gris* para todo tipo de finalidade: proteção contra armas de fogo, contra facas, contra veneno, parecer um leão frente ao inimigo, ser um bom guerreiro, não ter medo, que as pessoas tenham medo de você, manter os espíritos ruins afastados e por aí vai. E há vários formatos: cordão, pulseira, poções líquidas para banho ou gargarejo. Tudo depende da finalidade.

A disseminação do *gris-gris* era tão grande no oeste africano que, com o início do tráfico de escravos, a prática se espalhou por vários lugares, entre eles o Brasil, onde foi mesclado com elementos católicos – daí o termo *mandinga* ainda ser usado para se referir a algum tipo de feitiço.

Não se sabe quando, mas conta-se que, no passado, em Kabadio, marabus se uniram para proteger a comunidade de ameaças externas. Para tanto, fabricaram vários *gris-gris*, que depois foram enterrados em pontos distintos da vila. Acreditavam que, assim, davam vida a uma proteção mística capaz de manter afastado qualquer perigo.

As técnicas de proteção da vila de Kabadio podem não ser ortodoxas do ponto de vista ocidental, mas é fato que, de todas as comunidades locais, essa é a única que nunca sofreu ataque do MFDC. Omar Souané conta que o grupo separatista “nunca colocou os pés na vila. Aqui eles não podem entrar. São impedidos por forças extraordinárias, que nunca viram antes”. A população atribui a paz ao poder dos marabus, que, por meio das orações, criam uma barreira espiritual. “Meu pai, por exemplo, já ficou dois meses sem dormir, só invocando o nome de Alá”, conclui Omar.

Vaivém na fronteira

Após a frustração do primeiro encontro com os rebeldes, decidimos depositar todas as nossas fichas em uma última tentativa. Temos um bom contato, que pode nos colocar dentro do maqui do fronte sul. Em Ziguinchor, capital da Casamansa, marcamos um encontro com Allen Yero Embalo, jornalista independente na Guiné-Bissau. Por questões de segurança, ainda que a área do maqui fique em território senegalês, o único meio de entrar é pela Guiné.

Com esse objetivo, cruzamos a fronteira entre os dois países e vamos à cidade guineense de São Domingos, onde um representante de Cesar Atoute Badiate, comandante do maqui, nos aguarda. Encaramos 60 qui-

lômetros de estrada de chão até Cassolol, vila em Guiné-Bissau vizinha ao Senegal.

A partir daí, caminhamos mais cinco quilômetros e entramos novamente em território senegalês. Conforme andamos, ouço um ruído oco de madeira. Allen nos explica que “é assim que os sentinelas anunciam a presença de pessoas na área militar”.

Alguns minutos de caminhada depois, chegamos ao maqui de Cesar. O porta-voz

Diferentemente do que acontece no Oriente Médio, no oeste da África os muçulmanos cantam e dançam. “Há liberdade”, diz um líder religioso





Com a bandeira da Casamança ao fundo, Cesar Atoute Badiate, comandante do MFDC, ameaça: “Não sei o que pode acontecer com quem tentar explorar nosso minério”

Gerome Didier nos recebe de bicicleta. Logo na entrada, topamos com um homem armado com um lança-míssil. Amarradas entre duas árvores, uma bandeira da Casamança com a foto do padre Augustin Diamacoune Senghor, idealizador do movimento na década de 1980. Vários outros sujeitos armados surgem à medida que seguimos. Em uma clareira, Cesar, acompanhado de um porta-bandeiras e três seguranças com fuzis (um deles apelidado de Rambo), nos recebe.

Com cara de poucos amigos e um olhar forte, mas distante, sem o uniforme militar, o comandante poderia se passar por qualquer camponês da região. “Ele conhece o sofrimento dessa gente”, diz Allen.

Com a bandeira da Casamança ao fundo, Cesar discursa. “Desde o período colonial, lutamos contra os exploradores. O que nos faz permanecer aqui é a busca pela independência da Casamança.” A conversa é rápida, porém impactante. Ao ser perguntado sobre a questão do zircônio, um minério encontrado na costa do Senegal (e cuja exploração foi concedida há dez anos pelo governo senegalês a uma empresa sino-australiana chamada Carnegie Astron), Cesar é direto: “Não está de acordo com os desejos da população da Casamança. Se alguém entrar para explorar zircônio, não me responsabilizo pelo que vai acontecer”.

A questão é controversa e envolve, de um lado, a pressão chinesa sobre países africanos (vistos por Pequim como potenciais fornecedores de matéria-prima) e, de outro, aspectos ambientais importantes. Uma das principais áreas concedidas pelo governo do Senegal para a exploração do minério está localizada em cima das dunas de Niafourang, em uma porção litorânea que abrange, além de Kabadio, as comunidades de Abéné e a homônima Niafourang. A questão central é que as dunas formam uma barreira natural contra o avanço do oceano sobre as plantações de arroz locais, que estão abaixo do nível do mar e são um dos pilares da economia de subsistência des-



sas populações. “Os manguezais também seriam afetados”, afirma Guillaume Durin, da associação senegalesa Océanium. Analistas políticos acreditam que a exploração só não teve início ainda devido à presença dos guerrilheiros do MFDC.

O fogo que se vê do céu

Ao regressar a Kabadio, somos convidados para uma cerimônia que a família Souané preparou para a nossa despedida: o tour do fogo. Todos os dias, por volta das 19 horas, crianças e jovens que vivem na Casa Corânica Souané se sentam ao redor do fogo para estudarem o Alcorão em voz alta. A madeira que eles colhem na floresta durante a tarde serve para alimentar as chamas por duas horas.

Quando o estudo termina, ouvimos as primeiras batidas do *tambalá*. As crianças se levantam e começam a se animar, andando enfileiradas ao redor do fogo. No momento em que o Kalifa Camara Souané entoava canções em homenagem a Alá e ao profeta

Maomé, o ambiente é tão vibrante que os adultos se juntam aos pequenos na dança, cantando cada vez mais alto as músicas que sabem de cor. O calor emanado da fogueira nos instantes em que realizam cultos religiosos é chamado de *Karanta*. “Não há nenhuma luz que possa chegar ao céu se não o fogo da *Karanta*. Nesse instante, até mesmo os anjos percebem que *Karanta* está aceso”, explica *El Hadji Souané*.

Talvez seja a proteção angelical; ou a mandinga dos gris-gris enterrados ao redor da vila; ou, ainda, a alegria que deriva das danças. O fato é que, entre guerrilheiros, minérios valiosos e tropas oficiais, em Kabadio a vida segue em uma serenidade desafiante, no ritmo da expressão local *Domanding* – devagar, “como se o tempo não tivesse pressa”, explica Souané. ●

O tour do fogo reúne crianças e adultos em volta da *karanta* (as chamas do fogo) e ao som do *tambalá* (um tipo de tambor)

Para saber mais: *Onde o Tempo não Tem Pressa, Anda Descalço*, documentário de Daniel Leite sobre Kabadio (projetokabadio.com).